

## MONKEYPOX NO BRASIL

Gabrielly Heemann Vieira<sup>1</sup>  
Larissa Metello Da Costa Lima<sup>1</sup>  
João Pedro Lopes Iwasaki<sup>1</sup>  
Taísa Guimarães De Souza<sup>2</sup>

O vírus Monkeypox, descoberto em 1958 em macacos em um laboratório dinamarquês, pertence ao gênero *Orthopoxvirus* e tem como reservatório natural pequenos roedores das florestas tropicais da África Ocidental e Central. Apenas no ano de 1970, em uma criança da República Democrática do Congo, é que esse vírus foi encontrado pela primeira vez em humanos e desde então é encontrado em pessoas que residem fora de regiões endêmicas por conta de viagens realizadas para esses destinos<sup>1</sup>.

Em maio de 2022, em meio às ondas de Covid-19, surgiram alarmes mundiais para um surto de varíola dos macacos, nome até então utilizado para se referir a doença, principalmente em áreas da Europa que 2 meses após o primeiro caso da doença, era detentora de 80% dos casos noticiados globalmente<sup>1</sup>. No Brasil, o maior número de casos se concentrou no estado de São Paulo<sup>2</sup>.

A Monkeypox possui incubação média de seis a 16 dias, podendo se prolongar até 21 dias. Sua transmissão se dá a partir do contato com animais, humanos ou material corporal humano infectado, principalmente por meio de secreções respiratórias, fluídos corporais e lesões de pele e mucosas. Os sinais e sintomas incluem: febre súbita, cefaleia, mialgia, adenomegalia, calafrios, dor nas costas, exaustão e erupções cutâneas que surgem entre o primeiro e terceiro dia do início dos sinais e sintomas<sup>2</sup>.

A erupção cutânea se desenvolve na face, com diâmetro de meio a um centímetro, e depois se espalha para outras partes dos corpos, incluindo principalmente a região genital. Por conta das lesões de pele, a Monkeypox pode ser confundida com doenças como a varicela e a sífilis. Em geral, a erupção cutânea pode evoluir nos estágios de mácula, pápula, vesícula, pústula e crosta. A crosta que se forma no estágio final, por fim cai, e então o epitélio é reconstituído e a transmissão é cessada<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Medicina do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG.

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário de Várzea Grande - UNIVAG.

Dessa forma, um caso é definido como suspeito quando apresentado em indivíduos de qualquer idade que apresente lesões súbitas em mucosas e/ou erupção cutânea aguda sugestiva, do tipo profunda e bem circunscrita, com estágios sequenciais específicos em mácula, pápula, vesícula, pústula e crosta. Essas lesões podem ser únicas ou múltiplas, em qualquer parte do corpo, acompanhadas ainda de proctite e edema peniano, entre outros sinais e sintomas. Para que um caso suspeito se torne um caso provável, é necessário que apresente um ou mais critérios que incluem: exposição próxima ou prolongada sem proteção respiratória, ou contato físico incluindo contato sexual com parcerias múltiplas e/ou desconhecidas nos 21 dias anteriores ao início dos sintomas; exposição próxima ou prolongada com caso provável ou confirmado de Monkeypox nos 21 dias anteriores ao início dos sinais e sintomas; contato com material contaminado, como roupas de cama e banho, utensílios de uso comum, pertencentes a um caso provável ou confirmado de Monkeypox nos 21 dias anteriores ao início dos sinais e sintomas; e trabalhadores da área da saúde sem uso adequado de equipamento de proteção individual com história de contato com casos prováveis ou confirmados de Monkeypox nos 21 dias anteriores ao início dos sinais e sintomas<sup>3</sup>.

Do mesmo modo, para que um caso seja confirmado é necessário que apresente resultado laboratorial “Positivo/Detectável” para *Monkeypox vírus* por diagnóstico molecular (PCR). Já para que haja o descarte de um caso, é necessário que o resultado do diagnóstico molecular seja “Negativo/Indetectável” para o *Monkeypox vírus*<sup>3</sup>.

O atendimento inicial do cidadão através do Sistema Único de Saúde, consiste desde o início dos casos em atendimento inicial na Atenção Primária de Saúde, e em segundo momento é necessária internação hospitalar para casos que apresentem sinais de gravidade. Recomenda-se aos profissionais de saúde, o uso de equipamento de proteção individual desde o acolhimento, além do uso de máscara pelo paciente e a separação destes dos demais usuários das unidades de saúde. Também cabe aos profissionais de saúde, o monitoramento dos contatos dos pacientes infectados<sup>4</sup>.

Apesar das lesões em área genital serem uma importante manifestação da doença, a Monkeypox não é uma infecção sexualmente transmissível, uma vez que só se espalha através da relação sexual se houver erupção cutânea ativa. No entanto, o estigma acerca do assunto e o maior número de casos na população gay inicialmente, associou a infecção a grupos minoritários e reforçou preconceitos. Entretanto, a doença não se

relaciona diretamente com a orientação sexual, gênero ou raça, e não apresenta os primatas não humanos como reservatório natural, sendo indispensável que a comunicação com a sociedade aconteça de maneira a informar e desmistificar a doença, sua etiologia e transmissão, visando assim evitar os estigmas e não induzir a violência contra os macacos. Diante da situação, uma maneira de tentar solucionar esses problemas se deu por meio da nomeação da infecção, que seguiu a proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo chamada de Monkeypox, abolindo assim o termo varíola dos macacos<sup>5</sup>.

O diagnóstico diferencial dessa doença inclui a varicela zoster, herpes zoster, herpes simples, sífilis primária ou secundária, reações alérgicas, infecções bacterianas, etc. Além disso, não é descartável a coinfeção com o *Monkeypox vírus* e outras doenças infecciosas, devendo, portanto, haver investigação em pacientes com erupções cutâneas, mesmo que haja resultados positivos para outros testes<sup>2</sup>.

**Referências Bibliográficas:**

1. Sousa AFL, Sousa AR, Fronteira I. Monkeypox: between precision public health and stigma risk. Rev Bras Enferm.2022;75(5):e750501. <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2022750501pt>
2. Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: varíola dos macacos — Ministério da Saúde ([www.gov.br](http://www.gov.br))
3. Ministério da Saúde, 2022. Definição de caso: Monkeypox
4. Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: Monkeypox: nota técnica orienta equipes de saúde da Atenção Primária — Ministério da Saúde ([www.gov.br](http://www.gov.br))
5. Vittalle. Revista de Ciências da Saúde v.34, n.1 (2022). Editorial: Varíola dos macacos: Novo surto global.